

Os pataxós pedem socorro

E iniciam em São Paulo uma campanha pela sobrevivência do seu povo

1990

— O índio continua debaixo dessa tutela desgraçada do Estado. É evidente que se o problema não for resolvido logo vai-se alastrar para outras áreas. Somos componentes dessa sociedade e, se a gente decidir entrar nessa luta, nós não contaremos somente com a força indígena. Não seria uma reação só de índios.

O alerta sobre a possibilidade de uma luta violenta, armada, e que até agora tem sido evitada, às custas de muitos sacrifícios foi feito ontem à tarde na sede da Comissão Pró-Índio de São Paulo. Os índios pataxó há há, hái, do Sul da Bahia, desde 1982 disputando terras com fazendeiros da região, estão sem água e alimentos mas decididos a resistir. Se até fevereiro, o prazo que eles próprios estão marcando para iniciar uma ofensiva, o governo federal não tomar iniciativa, os pataxó há há hái reunirão "de alguma forma" as 85 nações representadas no conselho da União das Nações Indígenas.

Ontem, a Comissão Pró-Índio de São Paulo, a União das Nações Indígenas, o Centro do Trabalho Indigenista e o Centro Ecumênico de Documentação e Informação reuniram a imprensa para o lançamento da Campanha pela Sobrevivência do Povo Pataxó Há Há Hái, com o objetivo de denunciar e esclarecer a população brasileira sobre a situação em que eles se encontram: 1.073 índios à espera de uma decisão da Justiça que possa reintegrar a posse de 36 mil hectares de terra, ocupados pelos fazendeiros, e que essas terras sejam finalmente demarcadas. Nailton Pataxó, um dos líderes da resistência na Bahia, está aqui em São Paulo, e foi quem informou alguns saldos dessa violência, que tende a aumentar: 38 mortos, dos quais 26 crianças, mortas por fome e doenças; três mortos em emboscadas



Nailton Pataxó

de jagunços; 78 brancos mortos porque "ousaram" defendê-los.

No último dia 2 de novembro, o pataxó Antônio Júlio da Silva foi baleado e encontra-se em estado de coma no Hospital de Base de Brasília, com possibilidades mínimas de sobrevivência. Na última semana de novembro, um carro levando dois funcionários da Funai, ao tentar entrar na reserva, foi atingido por balas pelos jagunços e há notícias de que esses mesmos pistoleiros estão parando ônibus nas estradas à cata de índios. Se os encontram, matam.

Estas e outras denúncias Nailton fez durante a coletiva de ontem, ao lado de Alvaro Tukano e Ailton Krenak, ambos da União das Nações Indígenas. As acusações que fizeram tinham um endereço certo: "A culpa pela situação ter se agravado agora é de Antônio Carlos Magalhães, ex-governador da Bahia". Na época da campanha eleitoral, disseram, Antônio Carlos Magalhães prometeu aos fazendeiros que os pataxós



Ailton Krenak

seriam retirados da região. Os índios falam de pressões feitas ao presidente da Funai, na época coronel Paulo Leal, para que transferisse os índios ou os mantivesse quietos sob pena de ser responsável pela eventual derrota do PDS na Bahia. "O PDS ganhou e agora os fazendeiros estão cobrando essas promessas", diz Nailton.

Aos índios restam poucas alternativas, já que esgotaram os pedidos que poderiam fazer a todos os canais competentes: Funai, Polícia Federal, Igreja. Já entraram em contato até com quem eles acreditam será o próximo presidente da República, Tancredo Neves, e em quem agora depositam as suas últimas esperanças. "Esperamos que ele já assuma a Presidência resolvendo os problemas das terras indígenas."

A campanha

O documento da Campanha pela Sobrevivência do Povo Pataxó Há Há Hái, subscrito por dezenas de entidades da sociedade civil, diz em um de seus trechos: "Privações

materiais, tensões psicológicas, violências e ameaças, hostilidade e discriminação colocam em risco a existência de povos para cujo usufruto e posse foi demarcada a Reserva Paraguassu Caramuru, de 36 mil hectares, em terras dos Municípios de Itaju do Colônia, Camacá e Pau Brasil, pela Lei Estadual do Poder Executivo da Bahia nº 1.916, de 9 de agosto de 26. É incontestável seu direito a esse território que sempre foi área indígena. Funda-se tal direito no que se acha estabelecido na própria Constituição Brasileira e na Lei nº 6.001 (Estatuto do Índio)".

Ontem à noite, um pedido de intervenção da Anistia Internacional foi entregue à representação aqui em São Paulo. Hoje, a partir das 18 horas, o Ceupes, entidade representativa dos estudantes de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, promoverá um ato público nas escadarias do Teatro Municipal. Na próxima sexta-feira, às oito da noite, representantes indígenas estarão fazendo uma palestra sobre os problemas dos pataxós no auditório da Administração Regional da Mooca (rua Taquari, 549). No próximo dia 19, quarta-feira, Felicitas Barreto estará lançando (no restaurante Spazio Pirandello, à rua Augusta, 311) o livro "A Alma da natureza foge da Terra", com parte da renda da edição revertida para a campanha.

Segundo os promotores da campanha, a ajuda pode ser ainda na forma de envio de um litro de água mineral para a Comissão Pró-Índio (rua Caiubi, 126-Perdizes) ou organizando postos de arrecadação de água, comunicando pelo telefone 864-1180 (Mara ou Leinad). Qualquer quantia em dinheiro também pode ser depositada na conta do banco Itaú, agência 0935 — Bahia, número 00067-9.